

A legião dos deserdados

CARLOS VOGT

O cotejo de dois textos sobre a realidade nacional, estampados esta semana na imprensa, traz algumas revelações importantes. Refiro-me



ao artigo **Novas bases para a construção do futuro**, da ministra Zélia Cardoso de Mello, publicado pelo **Estado** no domingo, e à reportagem de capa da revista **Veja**, sobre a situação de miserabilidade de milhões de brasileiros.

Há neles um ponto em comum: ambos falam de projeto nacional. Todavia, enquanto a ministra da Economia coloca os fatos em termos de saneamento econômico — o que significa desidratar o Estado e eximi-lo de interferências no sistema produtivo —, **Veja** mostra fragmentos da realidade social e implicitamente põe em dúvida a validade de qualquer projeto que não leve em conta, em primeiro lugar, os 60 milhões de miseráveis que vagueiam pelos centros urbanos em busca de uma brecha que lhes permita penetrar no sistema. A praxis da ministra, tão claramente expressa em seu artigo, leva a crer que é preciso, primeiro, reorganizar o Estado para, então, entregá-lo à sua verdadeira tarefa: gerir as políticas sociais que desagravarão o povo de seu secular abandono. Naturalmente, como sempre, esse reordenamento inicial custa novos e enormes sacrifícios, e não se pode prever com exatidão quando a parte efetiva do projeto será posta em funcionamento. Em contrapartida, infere-se da leitura de **Veja** que, com os 60 milhões de miseráveis vagando ao sabor da retração da atividade produtiva, da qual vivem de apanhar as migalhas cada vez mais escassas, nenhum projeto de restauração econômica durável talvez seja possível, pelo simples fato de que essa massa anônima e ambulante pressionará o sistema até torná-lo irrespirável.

Com efeito, se eram 30 milhões há 30 anos, 45 milhões há 20, e hoje são 60 milhões, quantos não serão daqui a uma década ou duas? Deus nos salve da visão apocalíptica de um País com 200 milhões de empobrecidos e uma elite ineficiente — porque encurralada — de não mais que 2%. Não haverá projeto nacional que resista, mas uma imensa terra devastada. Waste land.

Ninguém duvida da sinceridade da ministra e de seu esforço em ver no saneamento eco-

nômico a primeira face do poliedro da reforma social. Todavia é bom recordar que Campos Salles o fez há 90 anos e, já na época, nossa brava oligarquia tratou de ratear entre si os frutos benéficos daquela estabilização. A face esquálida da vasta sociedade marginal de hoje é uma prova de que, se houve a partir daí notáveis surtos de desenvolvimento econômico, nem sempre houve verdadeiro progresso social. Não foi por escassez de boas oportunidades que chegamos a este ponto, mas por falta de sensibilidade dos velhos dirigentes. Não foram avisados da catástrofe que se aproximava? Mas quem liga para demógrafos, sociólogos e cientistas políticos?! Não esqueçamos que muitos pagaram com o silêncio ou o exílio o preço de sua clarividência.

Naturalmente, não se pode atribuir ao governo atual a responsabilidade sobre os problemas sociais que aí estão. A maioria ele os recebeu como herança. O que dele se espera é que fuja à regra histórica da improvisação e da política de varejo, não vindo a se desinteressar do projeto de fundo, que é o verdadeiro osso a roer.

Tornada ponto de honra de todos os governos do pós-guerra, a luta contra a inflação é irrecusável, mas não pode ser elevada à condição de projeto em si. Mesmo o leigo sabe, hoje, que a causa histórica de nossa fragilidade econômica, de que a inflação é o sintoma mais visível, não se encontra essencialmente na estrutura do Estado, mas na base da sociedade produtiva e na sua incapacidade de gerar tanta riqueza quanto necessita. Basta pensar no excedente alemão ou japonês para se concluir que é tudo, principalmente, uma questão de qualificação do homem e de valorização da cidadania.

E isso só se obtém, claro, pela via preferencial das políticas sociais, especialmente a educação. E não se consegue da noite para o dia. Daí a necessidade urgente, clamorosa, óbvia, de um projeto que ultrapasse a luta colateral contra a inflação, os juros, a sonegação, a dívida, o estatismo, etc.

Quando as grandes legiões de deserdados se incorporarem decentemente ao sistema produtivo, e os já incorporados tiverem afiado a sua capacidade de desempenho social, então, sim, poderemos retomar o sonho perdido da Nação que um dia foi o país do futuro, e que hoje, infelizmente, passa por país dos miseráveis.

□ Carlos Vogt é reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)